

## História

### História de Myrthes Bevilacqua

#### História completa

#### IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é Myrthes Bevilacqua, e Conrad, pelo meu marido. Nasci em 3 de fevereiro de 1939, na Santa Casa de Misericórdia, mas eu sou de Vila Velha. Que naquele tempo não tinha cartório aqui nas proximidades. Nós éramos registrados em Vitória.

#### TRABALHO

##### Deputada federal

Fui a primeira deputada federal do Espírito Santo, casada com ferroviário, da Vale do Rio Doce. Ele ficou muito assustado que eu me elegei, mas tive muito apoio dos companheiros dele da Vale do Rio Doce, da Desportiva Ferroviária, que tinha até um estádio, que era muito importante. E para mim também foi uma quebra do tabu da mulher capixaba chegar ao Congresso Nacional. Isso aí a gente comprovou que é importante a participação da mulher, que ainda está muito pequena, temos que aumentar essa participação. Temos boas deputadas, agora no momento temos a Rita Camata, a Rose de Freitas, que estão dando excelente contribuição para o Espírito Santo. Tivemos também a Luzia como senadora, por pouco tempo, mas necessitamos mais que haja mais mulheres na política.

##### Secretária de Estado

Minha gestão como deputada foi 83 a 87, depois fui secretária de estado, uma opção minha, que meus filhos eram adolescentes e eu precisava me dedicar um pouco a eles. Porque quando a mulher entra na política, muitas vezes os casamentos não têm sustentação. E o meu não teve. Apesar de ter 20 anos de casada, aquilo assustou tanto o meu marido, meu ex-marido, que o casamento acabou.

#### INFÂNCIA

##### Vila Velha

Vitória era uma cidade gostosíssima. Pequena, a gente caminhava, tinha o bonde, tinha um bonde também que passava, o Vila Velha, nós tínhamos o bonde dentro de Vitória, mas eu gostaria mais de falar de Vila Velha, porque de Vitória todo o mundo fala. Vila Velha tinha um bonde que saía de Paúl e ia até o centro de Vila Velha. Eu morei em Argolas. Depois cresci, fui para Paúl.

##### Travessia de bote

Aprendi a andar nos bondes e nos barcos, a gente atravessava de Vila Velha para Vitória de bote, bote a remo, que ainda tem aí ainda, e fazia a travessia. Só que a travessia, como não tinha esses ônibus todos, os ônibus eram poucos, então a população daqui dessa região fazia a travessia toda de lancha e de bote. E era muito interessante, a gente fazia muita amizade, todo o mundo se conhecia, era uma cidade pequena, as famílias se conheciam, era muito gostoso naquela época. Agora as lanchas estão paradas, mas até bem pouco tempo tinha lanchas. Bote, ainda tem. Mas não é como antigamente, porque aumentou a frota de ônibus, aumentou o número de carros. Naquele tempo carro era para levar para o hospital, para as mães, ou doença, mas raramente as pessoas andavam de táxi. E poucas pessoas tinham carro.

#### E.F. VITÓRIA-MINAS

##### Professoras no trem

Quando eu escolhi uma escola para lecionar no Itaimbé, um distrito de Itaguaçu, próximo a Itapina, nós, professores que íamos até Baixo Guandu

lecionando nessa rede, de Vila Velha até Baixo Guandu, saíamos toda a segunda-feira. O trem lotadinho de professoras. E voltávamos, retornávamos para as nossas casas na sexta-feira. Então lá vinha o trem lotado de professora de novo. Só que enquanto nós íamos, e voltávamos, muita gente arranhou marido nessa viagem de trem. Para cima e para baixo. Freqüentei muito as duas estações, a Vitória-Minas, quando eu era professora. A da Leopoldina, porque nós não tínhamos ônibus assim para o Rio como tem hoje. Ia-se muito para o Rio no trem da Leopoldina.

#### Paqueras a bordo

E esses moços que, que eram a sensação do trem, também eram estudantes, na sua maioria. Tinha muitas escolas agrotécnicas em Colatina. Vinham ver suas famílias, e houve muito casamento assim de professora com viajante, professora com estudante da escola agrotécnica, professora com estudante de Direito. Era porque vinham para o centro estudar aqui. Então se conheciam nos trens e acabava casando. E naquela época o professor era mais respeitado pela sociedade, tinha um salário, dizer que era o marido da professora tinha aquela coisa, as professoras tinham salário legal, e tudo, o pessoal gostava muito. E todas bonitinhas, engraçadinhas, e também meio difíceis, porque a gente podia namorar, mas não era como hoje. Era bem complicado tirar o primeiro beijo, viu. Tinha também no vagão de trem de vez em quando um beijinho furtivo. Mas tinha.

#### Namoro no carro-restaurante

Naquela época, a viagem de trem era a coisa mais confortável e gostosa. E até hoje eu não entendo porque se tirou o trem de circulação. Porque na Europa todo o mundo anda de trem. E aqui no Brasil trem deixou de ser importante. E eu viajava muito quando professora no carro-restaurante, onde a gente conhecia todo o mundo. Conhecia, namorava, era muito gostoso. Por conta de tomar algum refrigerante, naquela época se tomava muito era Guaraná, Grapete, não era Coca-Cola não, a gente ia para o carro-restaurante comer alguma coisa também, só para ver os rapazes. Os rapazes também iam ver as moças, e acabavam se conhecendo. Era muito gostoso isso. E eu me lembro de uma vez que eu vinha... eu já estava fazendo Direito nessa época. Naquela época a gente podia fazer Direito no interior. Se tirasse nota sete, a gente só ia lá para fazer as provas. Nessa época de julho então, o trem vinha lo-ta-dinho. Não só das professoras, mas dos estudantes de Direito dessa região até quase Belo Horizonte, e mais os passageiros normais. O trem lotado, eu entrei no trem lá em Itapina por volta das quatro horas da tarde. Estava morrendo de fome, fui correndo para o carro-restaurante, não tinha nada. Mas o rapaz do restaurante já conhecia a gente, a gente pediu, implorou e ele fez um arroz com ovo, o arroz com ovo mais gostoso da minha vida. Até hoje sinto saudade daquele sabor, porque a gente estava morrendo de fome e foi a única coisa que conseguimos. Chegávamos às sete, sete e pouco da noite, mas era muito gostoso andar de trem.

#### Descarrilamento na lua de mel

Não conheci meu marido no trem. Mas, eu mesma casei com um ferroviário, da Vale do Rio Doce. Casamos num sábado e viajamos no dia seguinte de trem até Belo Horizonte. A lua de mel tinha que ser de trem. A gente foi de trem até Belo Horizonte. Só que naquela época havia muito descarrilamento. E o trem descarrilou depois de Governador Valadares, descarrilou e tinha uma ribanceira. E eu, muito despreparada para casamento, hoje é diferente, mas naquele tempo a gente usava anágua, era um enxoval de todo o tamanho, anágua, o sutiã cheio de forro, vestido, uma parafernália que a gente levava no casamento. E eu levei duas malas de enxoval. Tinha lençol do dia, tinha camisola do dia, tudo isso existia naquela época. Hoje não é assim. E a gente não sabia o que era casamento, lá fui eu carregando as duas malas de enxoval e meu marido, coitado, pobre coitado, carregando. Até chegar a Belo Horizonte sofremos um descarrilamento, tinha uma ribanceira, ele tinha que carregar a minha mala, tinha outra mala, tinha a mala dele, aí um senhor colocou uma das minhas malas na cabeça, lá descemos a ribanceira, subimos outra ribanceira para pegar o trem lá na frente, para chegar em Belo Horizonte e então ter a lua de mel. Na ida fomos de trem e na volta, de Belo Horizonte para o Rio, pegamos, não Vitória-Minas, aí já pegamos a Leopoldina.

#### No trem com os filhos

Depois eu casei, começaram a nascer os meninos, tive três filhos, e aí a gente já fazia aquela viagem para os meninos conhecerem o que é o trem. Eu me lembro que quando eles eram muito pequenos, tive uma escadinha, um atrás do outro, eu pegava o trem aqui, meu marido me trazia aqui na estação, ia de carro, e eu ia de trem até Colatina com as crianças, e de Colatina retornava de carro para Vitória, para elas não ficarem muito cansadas. Depois os meninos cresceram mais, e a gente já ia até Governador Valadares levando a criançada e os amigos da criançada. Era muito gostoso porque a gente ia, ficava uns dois dias em Governador Valadares, depois voltava. E as crianças adoravam viajar de trem. Eu tenho netos e estou louca para trazer os netos aqui, para conhecer, é. E os menininhos, um tem seis anos, outro tem quatro anos, já estão andando de trem também.

#### Segunda classe

Os trens ficavam lotados, e os vagões eram muitos. Não dava para ir sentado, todo o mundo, não! Nós sentávamos na primeira classe. O bilhete era mais caro, porque que era mais confortável, mas não o conforto de hoje, o ar refrigerado. Mas você ia sentado, pelo menos. Mas segunda classe era lotado. As pessoas da segunda classe iam muitas vezes em pé, sem lugar para sentar. Lotado. Na segunda classe ia tudo: gaiola, passarinho, papagaio, macaquinho. Naquele tempo tinha muita mata no Espírito Santo, as pessoas traziam para Vitória, o pessoal do interior, ia tudo o que você pode imaginar. Também era saco de feijão, saco de arroz, tudo o que eles traziam, traziam de trem. Até galinha, frango, esses troços, todas as pessoas carregavam colchões, carregavam tudo dentro dos trens.

#### Fagulhas na noite escura

Olha, quando eu era bem criança, menorzinha, a locomotiva era a lenha. E feria muito os olhos da gente, muitas vezes vinha aquelas fagulhas. Mas na minha época de professora já não era... Eu não me lembro, para falar a verdade, eu não me lembro mais como é que era. Se era óleo ou lenha. Porque eu ia tão entretida no trem, que não me lembro, com sinceridade. Creio que era a óleo. Mas, quando eu era menina, que eu ia de trem para o Rio ou para Petrópolis, e tinha fagulha, eu me lembro até hoje, que durante a noite a gente via como se fosse pirilampo. Aquelas fagulhazinhas saindo assim na noite escura. Era muito interessante.

#### Comércio nas estações

Quando a gente passava nas estações, a luta da gente era para comprar dos meninos que vendiam bolinho, frutas, manga; quando chegava naquela região de Aimorés, tinha muita manga, e a gente queria comprar. Muitas vezes, o menino ficava com o dinheiro e não dava a fruta de volta

ou não dava o bolinho de volta porque o trem saía também, e eles eram espertos: "Não, primeiro dá o dinheiro..." E a gente dava o dinheiro e ficava depois sem a fruta, sem a merenda, entendeu? Era desse jeito. Garotada esperta.

#### Menores escondidos nos trens

Agora hoje, sou secretária de Ação Social e aí o depoimento é mais assim, meio triste. Porque tem vindo muito menor dentro dos trens da Vitória a Minas, de Governador Valadares para cá. Eles vêm escondidos, eles vêm dentro dos vagões de minério... de maneira que eu acho que a Vale do Rio Doce tem que tomar até uma providência com relação a menores que vêm de Governador Valadares para cá.

### OPINIÃO

#### Transporte ferroviário

Porque eu gosto do trem, e gostaria muito que Vila Velha, que o Espírito Santo, de uma maneira geral, e o Brasil, se dedicassem mais a essa questão do trem, que o trem pode conduzir muita coisa, muita gente, e é trazer o progresso mais rápido. E é muito mais barato. Fica muito melhor para o país. Como é nos outros países. Precisamos que o governo federal invista em trens.

### IMAGEM CVRD

#### "Faz parte do meu eu"

A Vale? Bem, como sou dessa região aqui, Paúl, acho que a Vale do Rio Doce, a Rede Ferroviária Federal, que antigamente era Leopoldina, fazem parte do meu eu. Era uma coisa muito casada. Sempre fez parte de mim, a minha vida toda. Você veja que em 65, casei com um ferroviário. Comecei a namorar o ferroviário em 61. Quer dizer, há quantos anos! Faz parte da minha vida. Hoje estou com 62 anos. Olha quantos anos! Antes já viajava, em 58 fui ser professora no interior. Lá estava eu de trem. E como menina também, quanto que participei de viagens de trem. Naquela época não tinha ônibus como tem hoje para o Rio de Janeiro. Avião? Avião não era como hoje. Então as pessoas andavam era de trem mesmo.

### RELAÇÃO CVRD/COMUNIDADE

#### Rede Criança

A Fundação Vale do Rio Doce está fazendo um convênio, fez, já assinamos, o convênio com nossa secretaria da prefeitura de Vila Velha para a construção da Rede Criança. É muito importante porque trabalhamos com menores carentes, e a Rede Criança vai ajudar muito Vila Velha. A Vale do Rio Doce está dando uma contribuição muito grande, muito forte à população de Vila Velha. Muita coisa que conquistamos é graças à Vale do Rio Doce. Não foi só empregos. Mas nos conjuntos habitacionais ela se fez presente, se faz presente na Rede Criança, agora nesse Museu Ferroviário que é uma coisa linda, muito gostoso isso aqui, quer dizer, a Vale, a contribuição da Vale tem sido muito importante.

### DEPOIMENTO

Estou assim muito feliz de poder dar depoimento. Acho que se todas as pessoas pudessem dar depoimento seria interessante, porque é a reconstrução da história. Reconstruir o que foi, a importância que é, e que foi a Vale do Rio Doce no meu estado. Queria registrar a minha satisfação de estar aqui falando com vocês.